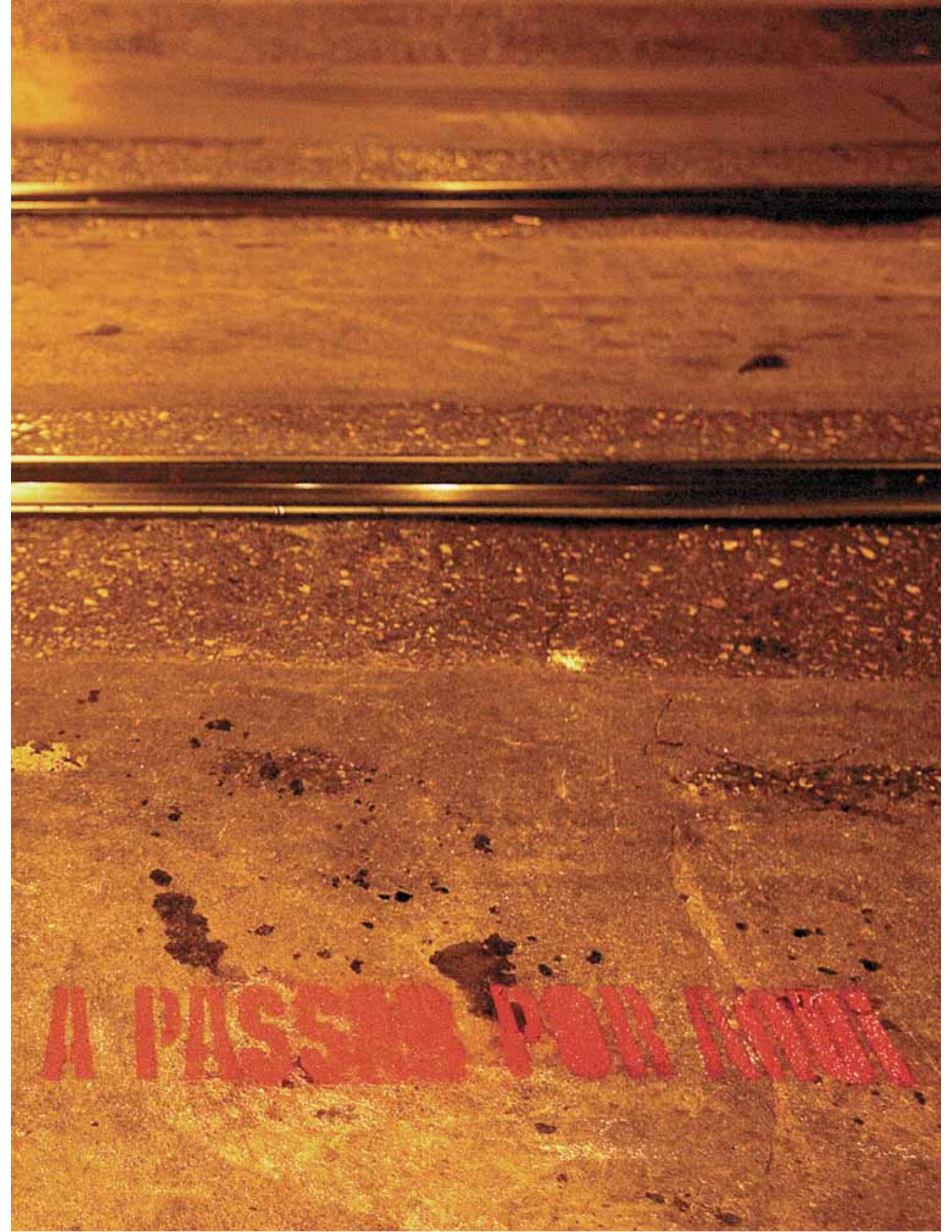


Feminismo.blog.pt

Jovens “bloggers” feministas saem à Net e à rua para ressuscitar o debate. Na Internet em inglês e francês são milhares a escrever e outros tantos a discutir. Em Portugal são poucos os escribas, mas a ajuda vem de aliados (in)esperados — os blogues do movimento “gay”, lésbico e transgénero.

0 FEMINISMO ESTA



A P L S S O N

A noite está quente, invulgarmente quente para o final de Maio. Passa das quatro da manhã e a noite já se chama madrugada, mas a luz só emana dos candeeiros públicos e do holofote de uma obra no Largo do Caldas, em Lisboa, a uns passos da sede do CDS-PP. Uma feminista está periclitante em cima de um monte de destroços, enquanto um feminista solidário ajuda a pintar a frase “O feminismo está a passar por aqui”, a roxo, no tubo amarelo de descarga de entulho.

O feminismo em versão “street art” andou pelas escadarias do Chiado e por várias ruas e calçadas da Baixa, onde os seis membros presentes do Colectivo Feminista debateram a durabilidade do “spray” “versus” a textura das passeadeiras. A frase quer meter-se com os transeuntes, pô-los, pelo menos uma vez, hoje, a pensar no conceito de feminismo. O expediente não gera aceitação geral, sobretudo por sujar paredes e ruas e pelos custos da sua remoção.

O “stencil” do Colectivo Feminista, um grupo nascido há menos de um ano, é apenas um entre muitos autocolantes, cartazes, colagens e “graffiti” que cada vez mais preenchem as fachadas de algumas zonas de Lisboa. Ali ficou também o rasto de um grupo de jovens, homens e mulheres, que quer recolocar o feminismo no espaço público, como uma pequena batalha numa luta — pelo fim da discriminação baseada no género.

A noite termina com dezenas de frases e autocolantes com a morada do blogue onde se reúne o Colectivo coladas em paragens de autocarro e zonas de passagem, não sem alguns encontros fugazes. Uma equipa de empresa de remoção de “graffiti” limpa a fachada de um banco e observa, de soslaio, o trabalho rápido dos feministas. Um carro da PSP passa lentamente pela execução de uma pintura, sem parar. Um segurança do Metropolitano de Lisboa grita às activistas que já estão de saída.

No dia seguinte, a acção está documentada no blogue do Colectivo Feminista. “Pôr uma frase a dizer ‘O feminismo está a passar por aqui’ e pôr uns quantos autocolantes tem um determinado tipo de impacto, mas se a pessoa quer passar a outro nível, para além do seu quotidiano, temos o blogue para dar a possibilidade às pessoas de descobrir mais, ver o que nós pretendemos, mandar ‘e-mails’, fazer comentários...”, contextualiza Diana, estudante, 24 anos. O blogue nasceu em Abril, seis meses depois da germinação do grupo, e já recebeu mais de nove mil visitas.

Diana assinala, entre a incredulidade e a ironia, que há um pico de visitas no blogue às terças-feiras à noite, quando é transmitido o programa Maxmen TV, subsidiário da revista masculina, e que algumas pessoas já foram parar à página depois de inserirem nos motores de busca expressões como “violadas à força”.

O núcleo duro do Colectivo, grupo informal e sem filiação partidária que integra homens e mulheres, juntou-se depois de várias experiências de associativismo das suas fundadoras, frustradas com o peso de tais estruturas e cansadas de falar para quem já estava convencido e sensibilizado. Escolhem o pseudónimo para os interlocutores não se centrarem no seu género, personalidade, mas sim no que dizem. E por que algumas situações nocturnas em que espalham a mensagem a isso também obrigam.

Mas quem andar à procura do feminismo não o encontra tão facilmente no activo na Internet portuguesa, sobretudo nos blogues. O Mal da Indiferença e o Colectivo Feminista estão entre os poucos blogues portugueses actualizados dedicados exclusivamente ao feminismo, se não forem os únicos. Há blogues que afloram o tema ou que têm nas suas fileiras “antifalocêntricas militantes”, como a historiadora Alice Samara, colaboradora do extinto Barnabé. Outros, como o assumidamente feminista M.A.R.I.A.S. (Mulheres em Acção Radical por Ideais Anti-Sexis-

tas), ligado ao Bloco de Esquerda, têm sido mais irregulares na escrita, mas também protagonizam acções de rua, como a que acrescentou mensagens a alguns cartazes publicitários. Uma modelo que promovia um perfume e o segurava na mão de repente dizia também: “Eu sou vítima de violência doméstica.” Este mês, o blogue das M.A.R.I.A.S. reemergiu do silêncio e apareceu um “stencil”, na zona do Martim Moniz, relativo ao direito à escolha no caso do aborto.

E há pioneiros que inauguraram os seus blogues dedicados à causa “gay”, lésbica, bissexual e transgénero (GLBT) e neles incluíram o feminismo e o activismo contra a discriminação por género na sua coutada de defesa da identidade sexual livre, pertencendo-

lhes hoje a maioria das referências feministas na blogosfera portuguesa.

“As pessoas estão sempre a dizer que o movimento feminista está morto, mas nunca acreditei nisso”, recorda Rebecca Traister, que escreve para a revista

“on-line” Salon.com e é uma feminista “high tech” assumida. Há um ano lançou aquele que se veio a tornar um dos blogues feministas mais conhecidos e visitados, o Broadsheet, associado à revista em que trabalha, e um dos estandartes da nova vaga de blogues feministas na Internet. “Penso que [o feminismo] está a assumir uma forma moderna e tecnológica e que, daqui em diante, o feminismo vai ser uma multiplicidade de vozes, que crescem e falam cada vez mais alto ‘on-line.’”

Um estudo recente citado pelo jornal britânico “Guardian” indica que há cerca de 240 mil blogues dedicados ao feminismo, em língua inglesa, num universo de cerca de quatro milhões de blogues de todo o mundo. As marcas distintivas destas páginas

SITES

<http://www.guerrillagirls.com>

<http://ggbb.org>

<http://www.nipute.nisoumises.com/>

<http://www.unseoutras.net/>

<http://mulheres.online.pt>

BLOGUES EM INGLÊS

<http://www.feministing.com/>

<http://feministcarnival.blogspot.com/>

<http://www.thefword.org.uk/blog/index>

<http://www.www.salon.com/mwt/broadsheet/>

<http://www.gendergeek.org/>

<http://bitchphd.blogspot.com/>

<http://blog.iblamethepatriarchy.com/>

<http://blackfeminism.org/>

Há um pico de visitas do blogue quando é transmitido o programa Maxmen TV



personais ou gregárias são as múltiplas vozes que fazem uso da tecnologia, mas sobretudo do humor e, nalguns casos, da intervenção e da passagem à arte de rua. Tal como o Colectivo Feminista põe na rua as suas frases e cola autocolantes nas lojas de roupa e casas de banho masculinas, assumindo a inspiração, entre outras, no histórico grupo americano das Guerrilla Girls (ver outro texto nestas páginas), também as três estudantes da Universidade do Minho que escrevem n'O Mal da Indiferença levaram os seus textos à rua. Distribuíram panfletos para divulgar o blogue e as entrevistas que, ao longo de meses, publicaram com prostitutas, acompanhantes (de ambos os sexos) e as suas reflexões sobre temas como a interrupção voluntária da gravidez ou a violência doméstica.

“A sociedade é extremamente conservadora e para poder fazer reivindicações mais radicais” as pessoas

podem recorrer a meios como a Web para encontrar um posto de escuta, problematiza João Oliveira, mestre em Psicologia Social e investigador no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) na área dos estudos de género. “As pessoas no contexto da Internet e dos blogues também têm uma forma de brincar, usando diferentes registos, nomeadamente o da ironia”, confirma. É esta mordacidade, aliada ao uso dos computadores e da rede, que o torna uma espécie de braço tecnológico do feminismo actual.

No início do século passado, as sufragistas reivindicavam os direitos fundamentais para as mulheres. Na segunda vaga do feminismo, Germaine Greer e Betty Friedan falavam do direito à carreira, à igualdade de salários e contestavam os papéis tradi-

cionalmente atribuídos ao sexo feminino. A terceira vaga, menos dirigida ideologicamente, dispara ainda contra questões laborais, aponta à violência doméstica, mas reflecte sobretudo o sexismo cultural e mediático. Aqueles fenómenos que repousam sob o manto da normalidade, do facto consumado, do feminismo como uma história de sucesso que, por o ser, já devia ter pen-durado as luvas.

Algumas causas “antigas”, alguns métodos reinventados, levar para a rua um estilo que as fanzines e a música do movimento “riotgrrrl” popularizaram nos anos 1990, e, sobretudo, um feminismo de múltipla personalidade. É isto que está a acontecer nos blogues feministas de todo o mundo.

Há quem ache que modas como aprender a dançar como uma “stripper” ou aparecer em revistas para homens é reclamar a autonomia sexual. Há aqueles que consideram que as suas protagonistas são “porcos →

GUERRILLA GIRLS



São as prima-donas da queixa criativa, benfeitoras mascaradas à imagem da Super Mulher, mas com cabeças de gorila em vez de uma mascarilha cintilante. Mulheres, artistas, norte-americanas. As Guerrilla Girls propõem-se a reinventar a palavra “Feminismo” e reclamaram a palavra “girl” (rapariga, miúda), vista como diminuidora por mulheres e feministas, dando-lhe uma nova carga, à semelhança do que a comunidade homossexual fez com a palavra “queer”, explica Frida Kahlo.

Não se sabe se Frida é pintora, mas é certo que não ressuscitou. O mesmo é válido para Lee Krasner, Georgia O’Keefe ou Anais Nin.

As Guerrilla Girls mantêm-se no anonimato há duas décadas, mas o segundo nome de todas é, certamente, “Activista”. Protagonizam as suas próprias campanhas artísticas e contra-publicitárias para denunciar o sexismo, o racismo e a corrupção na cultura popular, na política e na arte, mas também colaboram com a Amnistia Internacional, a Greenpeace e apoiam o Colectivo Feminista português.

O Colectivo apresentou-se às Guerrilla Girls este ano e rejubilou com “a bênção” que lhes foi dada por Frida Kahlo, nome de

guerra de uma das “girls” fundadoras, que escolhem os nomes de grandes mulheres já desaparecidas para se identificar.

Foi uma exposição do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), em 1985, que deu início ao infame ordálio das Guerrilla Girls. A mostra pretendia ser a epítome do trabalho dos mais importantes artistas do sector na década. Entre os 169 escolhidos, todos eram brancos, europeus ou norte-americanos, e apenas 13 eram mulheres.

Um grupo de mulheres artistas uniu-se para questionar os motivos por trás da escolha do curador Kynaston McShine e de um panorama que a ninguém parecia indignar.

Primeiro foram cartazes no SoHo de Nova Iorque com os números que denunciavam o cenário discriminatório nas galerias.

Vinte anos mais tarde, são raides ao Festival de Sundance e anúncios gigantes numa das principais avenidas de Hollywood, no mês dos Óscares, em que se lê: “Salvem as mulheres realizadoras – apenas sete por cento dos 200 filmes mais vistos em 2005 foram realizados por mulheres; nenhuma mulher ganhou o Óscar de Melhor Realizador; apenas três foram nomeadas.” A gorila na foto é a discriminação que agarra o Óscar, apelidada de Queen Kong.

Os números não são a única forma de apedrejar os telhados de vidro do cinema, da arte ou da política. O grupo já assinou três livros, guias para uma vida com sentido crítico sobre as colecções dos museus, a

história da arte e os estereótipos femininos ao logo das décadas. Espalhou autocolantes, comprou espaços nos autocarros, mobilizou campanhas de envio de cartas.

Os seus “posters” e cartazes são não só armas de denúncia, mas também arte. A Fundação de Serralves, no Porto, tem no seu espólio um “poster” das Guerrilla Girls, à semelhança do que acontece com outros museus pelo mundo. No ano passado, Rosa Martinez, curadora da Bienal de Veneza, convidou-as para expor cartazes que parodiavam George W. Bush, a imagem-chavão de mulher transmitida por Pamela Anderson e Halle Berry, e a própria Bienalle, por exibir trabalhos de apenas dois países africanos.

Este grupo, que já se renovou e subdividiu com a passagem do tempo, arrisca-se a não fazer muitos amigos por rejeitar as concessões. Insistem em manter-se por trás do disfarce símio porque a ênfase deve estar na sua mensagem e não nas suas personalidades.

E apostam na contestação, sem reservas. “Qualquer veterano dos movimentos dos direitos civis, dos direitos das mulheres e dos direitos dos homossexuais sabe que o progresso é o resultado da pressão, do protesto e da luta”, conclui a Guerrilla Girl que responde pelo nome da escultora Meta Fuller. ●

Insistem no disfarce símio porque a ênfase deve estar na sua mensagem e não nas suas personalidades

→ chauvinistas femininos”, título do livro da jornalista norte-americana Ariel Levy. Há quem ache que as revistas femininas reproduzem os estereótipos dos anos 1950 e precisam de alternativas, como a revista americana “Bitch” ou a nova publicação britânica “Verge”, e há críticos que não lhes dão tanta importância.

“Os feministas nem sempre concordam. Os novos feministas de hoje acalentam a ideia de que a diversidade é um sinal de força e um sinal de um movimento saudável. Há muitas formas de ser feminista”, atenta Catherine Redfern, que criou o sítio thefword.org.uk há cinco anos, mais um dos mais vistos blogues de cariz feminista em inglês. Outro exemplo de variedade é Feministing.com, uma colectânea de blogues visitada por mais de cem mil pessoas todos os meses e que a cada dia publica cerca de dez histórias de diferentes mulheres dos vários continentes, sobre temas que vão desde o pessoal ao político, dos mitos da beleza à literatura.

O Colectivo Feminista é um reflexo caseiro disso. Os “posts” versam sobre uma publicidade sexista a um detergente, os vídeos de música que apenas mostram as mulheres como ornamento, os comentários espontâneos que todos os dias se fazem nas ruas às raparigas que passam. E também sobre a lei da paridade, as condenações recentes pelo crime de aborto.

Uma das tarefas a que os blogues feministas se entregam mais apaixonadamente é a de lançar debate e relançar a própria causa. Anseiam pelos comentários, mesmo que sejam negativos. Não se poupam a críticas, mesmo entre pares — uma feroz polémica decorre ainda entre alguns blogues norte-americanos e colunistas de publicações como o jornal gratuito de Nova Iorque “Village Voice” sobre se a prática do “felatio” é ou não uma forma de submissão ao patriarcado; a moda do “soft porn”, a chamada cultura “raunch”, é um dos temas mais queridos; o debate sobre a relevância

do feminismo hoje e de algumas das suas críticas também.

“Ofeminismo faz todo o sentido hoje, pelas mesmas razões de sempre”, dizem à Pública Ana Ferreira, estudante de Sociologia, 21 anos, e Anabela Santos e Sylvie Oliveira, ambas com 20 anos e alunas de Ciências da Comunicação, as três autoras d’O Mal da Indiferença. “Ainda hoje a imagem da feminista é deturpada, as mulheres que se assumem como tal são estereotipadas e categorizadas”, constata, no que são secundadas pelas activistas do Colectivo. E esta “deveria ser a luta de todos, independente do sexo”.

E por que é que muitos “bloggers” portugueses que escrevem o feminismo e o sexismo provêm da comunidade “gay”? E por que é que blogues como o Colectivo Feminista integram a preocupação com a homofobia, querendo trazer os homens para o coração da diátribe e abraçando a causa dos direitos dos homossexuais como sua? Porque “a tecnologia constrói determinados padrões de dominação e se os constrói também os pode destruir; usando a tecnologia podemos questionar as noções de género tradicionais”, responde João Oliveira.

Apreciador dos blogues feministas, o antropólogo Miguel Vale de Almeida, também ele “blogger” convicto, arrisca, sobre a autoria dos poucos blogues feministas portugueses: “Aposto que são coisas de mulheres jovens, universitárias, com interface com o movimento ‘gay’ e lésbico.” E acerta. João Oliveira considera “curioso que se consigam encontrar mais blogues ‘gay’ e lésbicos do que feministas. Hoje em dia as propostas feministas passam

muito por enquadrar as questões da orientação sexual”, acrescenta. Para o investigador do ISCTE, os blogues da comunidade “gay” “têm um cariz feminista e preocupam-se com a igualdade de género, porque historicamente o feminismo foi um movimento que antecipa uma série de outros movimentos, nomeadamente os ‘gay’ e lésbicos”.

Ambos consideram que em Portugal houve um problema cronológico com o feminismo. “Vivemos um salto para a modernidade muito rápido”, contextualiza Miguel Vale de Almeida. Passou-se do fascismo controlador para a comunidade europeia, para a Internet. Isso granjeou ao feminismo português um velho problema de marketing: a dificuldade de se libertar da imagem de mulheres castradoras, proibicionistas, sem humor e radicais. “Há muitos mitos sobre o que é uma feminista”, anui, em causa própria, Carolina, socióloga de 29 anos e membro do Colectivo Feminista. “O feminismo é um palavrão. ‘Sou feminista mas...sou feminina.’ As pessoas querem distanciar-se de um património.”

Miguel Vale de Almeida precisa: “Por razões sociológicas, as mulheres ficaram mais afastadas desse salto para a Net e os movimentos feministas não se adaptaram tão rapidamente”, ficando a oscilar entre o feminismo da academia e intelectual ou o da tradição obreirista e sindical. “Faltou o meio, porque não tivemos o processo de transição”.

A frase do Colectivo Feminista ainda está um pouco por Lisboa, onde não foi apagada pelos pés. Já receberam mensagens de pessoas que viram os “stencils” e se sentiram acompanhadas, legitimadas no seu feminismo. Já foram criticadas por não escolherem os temas certos, por falta de piada, por não haver motivo para existirem. “Todos nós andamos a reproduzir estas desigualdades, a das mulheres coitadinhas e dos homens sacanas. Não há vítimas e opressores como pólos dicotómicos, a preto e branco”, suspira Diana, em jeito de explicação repetida mil vezes. Marta, antropóloga de 29 anos que perfaz o grupo inaugurador do Colectivo resume: “Eu gosto é de fazer o feminismo no meu dia-a-dia.” ●

FEMINISTAS EM PORTUGUÊS

<http://colectivofeminista.blogspot.com>

<http://feministactu.al.blogspot.com>

GLBT/ FEMINISTAS

<http://valedalmeida.blogspot.com/>

<http://naoteprives.blogspot.com>

<http://damnqueer.blogspot.com>

<http://www.gengibreilias.blogspot.com/>

<http://renasevead.os.weblog.com.pt/>

ARTE E GÉNERO

<http://www.allmyindependentwomen.blogspot.com>